



A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE PROFESSORA-PESQUISADORA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA

Aline Freire de Souza Aguiar¹
Joice Araújo Esperança²

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre minha constituição como professora-pesquisadora atuante na Educação Básica. O objetivo do texto é evidenciar a prática docente atrelada à pesquisa dentro da escola, ou seja, mostrar como dentro da Educação Básica temos profissionais que refletem e modificam a sua prática por meio da pesquisa. A metodologia escolhida é evidenciada de duas formas: pela pesquisa bibliográfica e pela pesquisa autobiográfica. A primeira abordagem metodológica consiste na reflexão e análise a partir do referencial teórico baseado nos estágios da vida profissional e nos saberes das professoras, construídos em processos de formação continuada, no cotidiano escolar e a partir da pesquisa, como instrumento de formação profissional. A segunda abordagem pauta-se na construção da narrativa de uma professora-pesquisadora e sua análise. Após o diálogo com autores que focalizam a temática da constituição da identidade de professora-pesquisadora e analisar a narrativa docente, entende-se que as professoras da Educação Básica que refletem sobre sua prática e a problematizam, são pesquisadoras, ainda que não estejam vinculadas a cursos de pós-graduação e que não socializem os achados de seu trabalho na escola.

Palavras-chave: Professora-Pesquisadora, Formação continuada, Carreira docente.

INTRODUÇÃO

A pesquisa é um elemento fundamental na prática da professora³, sendo uma possibilidade de reflexão acerca da sua própria ação e das práticas que a rodeiam. Por meio da prática docente é possível questionar, problematizar, investigar, observar inúmeras áreas e formas de ensino, propiciando a produção de saberes docentes de

¹ Mestranda do Curso de PPG em Educação da Universidade Federal de Rio Grande - FURG, alinefreiredesouza@yahoo.com.br;

² Professora orientadora: Doutora em Educação Ambiental, Universidade Federal de Rio Grande - FURG, joiceesp@yahoo.com.br;

³Neste artigo, adotamos o gênero feminino para nos referirmos aos/às profissionais que exercem a docência. A partir dessa escolha, pretendemos demarcar a presença majoritária das mulheres no universo escolar, contribuindo para desnaturalizar o processo histórico de feminização da profissão docente no Brasil.



forma contínua. Por esse motivo, estudar e evidenciar essa questão é importante, para que as professoras da Educação Básica possam se apropriar dessa possibilidade e perceberem a importância do registro de seus saberes e sua socialização, para divulgarem seus projetos e as aprendizagens decorrentes de seu trabalho.

O objetivo desse artigo é refletir e problematizar a constituição da professora-pesquisadora dentro da escola, ou seja, ponderar sobre a trajetória profissional e os desafios das profissionais que refletem e modificam a sua prática por meio da pesquisa. Essas professoras utilizam o seu espaço de trabalho como fonte de pesquisa, aproximando a prática da teoria, desse modo, a professora está sempre estudando e procurando referências para confirmar suas constatações.

Este texto relaciona a pesquisa bibliográfica sobre a identidade e os saberes da professora-pesquisadora com a análise autobiográfica de uma professora-pesquisadora. Como fonte de pesquisa dialogaremos com a obra de pesquisadores/as que analisam questões ligadas aos estágios da profissão e os saberes docentes, a formação inicial e continuada da professora, o cotidiano escolar e a identidade de professora-pesquisadora, dentre os quais destacam-se: Tardif (2012), Humberman (1995), Nóvoa (1995), Becker&Marques (2010), Alves (2003), Esteban (2016) e Libâneo (2008).

Na continuidade da escrita serão apresentadas escolhas metodológicas, o referencial teórico, a análise e a discussão do material empírico. Por fim, são feitas considerações finais a partir do exercício analítico empreendido no texto.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo é composta por duas abordagens de pesquisa que se relacionam para a elaboração das análises e discussões. A primeira, parte do suporte bibliográfico, sendo estruturada a partir das considerações de Lakatos e Marconi (2003) como um estudo que não visa apenas a mera repetição de termos já realizados sobre um determinado assunto, mas propicia o exame de um tema sob uma nova perspectiva, chegando a conclusões inovadoras. A segunda, parte do suporte da pesquisa autobiográfica, utilizando a narrativa de uma proposta de memorial acadêmico para problematizar a constituição da identidade de professora-pesquisadora. Esse memorial é uma reflexão autoral, a qual introduz uma proposta de pesquisa, no âmbito de um curso de Mestrado em Educação.



REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, o movimento de escrita consistirá na análise de teorias e de pesquisas sobre a identidade da professora-pesquisadora. Assim, busca-se enfatizar os estágios da profissão e os saberes docentes, construídos na formação inicial e continuada e no cotidiano escolar como uma forma de pesquisa.

Para que a pesquisa se integre na prática escolar da professora, essa professora deve ser colocada em uma questão de incerteza, pois, é com a dúvida que surge uma proposta de investigação. Becker&Marques (2010), relatam que a professora que assume a investigação do seu fazer, alimenta-se da dúvida antes da certeza, que se um dia atingida, é sempre provisória. Complementam, ainda, que nada é mais prejudicial ao ensino do que a certeza das ideias prontas. Na mesma direção, Esteban (2016) destaca:

A dúvida, com sua potência, se instaura no encontro/confronto com o outro e suas formas de (vi)ver que, especialmente pela diferença, nos abre possibilidades de ver o que antes não podíamos e de compreender também os limites de nosso próprio compreender. A dúvida como método articula minha formação como professora pesquisadora, como pesquisadora e minha relação com os processos de formação de outras professoras pesquisadoras (ESTEBAN, 2016, p. 57).

A partir de um problema encontrado na sua prática ou em alguma prática próxima ao seu trabalho, a professora se apropria desse acontecimento recorrente para investigar. Para isso, a professora busca refletir sobre sua própria prática e é possível que a professora seja pesquisadora da sua prática, algumas demoram um tempo maior para perceber e denominar como pesquisa esse movimento reflexivo, outras precisam se desprender de alguns estágios da vida profissional frustrantes para começarem a pesquisar.

De acordo com Humberman (1989), existem fases, tais como etapas ou estágios, que atravessam a carreira docente, o que acaba afetando as docentes praticantes. Nos primeiros anos de contato com a sala de aula a professora está na fase chamada pelo autor de tateamento. Nessa etapa inicial, é caracterizada pelo confronto inicial com a realidade profissional, já que, muitas vezes se projeta um trabalho diferenciado, com experimentações lúdicas, práticas de aprendizagens novas, porém, nem sempre esse planejamento realizado com tanta responsabilidade e entusiasmo alcança os resultados almejados.



Após a fase de tateamento, Huberman (1995) menciona que as professoras adentram a etapa de estabilização, que vai dos 4 aos 6 anos da vida profissional. Para a área da educação, esse é o período da escolha subjetiva (comprometer-se definitivamente) e de um ato administrativo (a nomeação oficial). No ensino, a estabilização pode significar pertencer a um corpo profissional e a independência, onde se exercitará em algum grau autonomias, relativas ao processo de mediação.

Logo depois do período de estabilização, vivencia-se a fase de diversificação, dos 7 aos 25 anos da trajetória profissional. Nessa etapa, os estudos empíricos da professora passam a divergir da fase de estabilização. Passa a ser essa uma fase de maior diversificação e experimentação. Há uma mobilidade na forma de gerenciar a sala de aula, como o uso de materiais diversos, modos de avaliações diferentes, a própria organização dos alunos em sala de aula, assim como a maneira de conceber a sequência dos programas curriculares.

Entre 25 e 35 anos de trabalho docente, Huberman (1995) menciona que a serenidade e o distanciamento afetivo aparecem. Nessa fase, as professoras se mostram menos ativistas, chegando a se questionarem sobre como conseguiram realizar grandes quantidades de aventuras com seus alunos.

Como última fase apresentada pelo autor, emerge o desinvestimento, que é quando a professora já trilhou 35 a 40 anos de profissão. Nessa fase, há uma postura positiva, há um libertar-se para viver a vida, as docentes querem consagrar mais tempo a si próprias, aos interesses exteriores à escola. Huberman (1995) levanta um ponto a respeito dessa fase, que deve ser considerado em todas as outras, salientando que por mais que se tente alinhar uma sequência, uma progressão dentro da carreira das professoras, há de se considerar sempre, que nem todas em determinada idade ou período de sua profissão estarão passando exatamente o que cada fase contempla ou tenta explicar. Há de se considerar a história pessoal e a história do meio que estão inseridas. São ciclos/fases que englobam um grande número de pessoas, mas não a totalidade delas.

Dentro das fases propostas por Huberman (1995), algumas professoras terão a percepção da atividade da pesquisa articulada ao exercício da profissão desde o início e outras não conseguirão se reconhecer enquanto pesquisadoras, concebendo o seu trabalho de forma técnica, voltado aos conteúdos programáticos e a reprodução da mesma prática durante toda a carreira.



O professor que não reduziu sua função às realizações de uma máquina de ensinar ou aos procedimentos burocratizados de um “ensinador”, constrói e, sobretudo, reconstrói conhecimentos. É o que faz um pesquisador, pois um conhecimento nunca inicia do zero e nunca é levado a termo de forma definitiva. Ele assim procede não para ser pesquisador, mas para ser plenamente professor. Nesse sentido a pesquisa faz parte da função docente (BECKER e MARQUES, 2010, p. 13).

Dessa forma, entendemos que a professora, que reflete sobre sua prática e a problematiza, é uma pesquisadora, mesmo que faça a pesquisa para sua realização na profissão. Investigar a sua prática docente ou o cotidiano escolar são propostas que se dão de maneira não formal e não institucionalizada, pois o ambiente escolar é rico em possibilidades de pesquisa.

A formação inicial e a continuada propiciam uma possibilidade de pesquisa que articula a prática e a teoria com o cotidiano escolar. Muitas vezes a professora, por questões diversas como excesso de trabalho, que gera uma alta carga horária, e devido a questões salariais, falta de tempo, não sistematizam suas observações e achados de pesquisa.

A formação continuada auxilia na socialização do trabalho da professora, incentivando a profissional a aprofundar suas compreensões e reorganizar seu trabalho a partir do diálogo com a teorização educacional. Habitualmente, na Educação Básica, essa prática de pesquisa não é valorizada e propicia-se poucas reuniões com cunho de formação, secundarizando-se a reflexão sobre a prática pedagógica e desvalorizando-se o estudo da professora. Por isso, a identidade da professora-pesquisadora é forjada a partir de muito esforço pessoal, de busca pela formação continuada, de luta por um espaço de trabalho qualificado. Nesse sentido, Libâneo (2008) argumenta que as pessoas disponibilizam tempo para as coisas que compreendem, as quais atribuem sentido e entendem como importantes para elas. O autor ainda salienta que o desenvolvimento profissional da professora depende da união entre a gestão escolar com o desenvolvimento da professora.

Alves (2003), em seus estudos sobre a cultura e o cotidiano escolar, relata que a professora-pesquisadora não está inventando um novo cotidiano ou uma nova cultura. O que a pesquisa faz é buscar compreender a riqueza, a diversidade e a complexidade que existe no ambiente pesquisado.



Pesquisar o seu próprio ambiente de trabalho, a sua própria ação, abre possibilidades da professora reconhecer a sua realidade, refletir sobre seus erros/acertos e modificar a sua prática. De acordo com Nóvoa (1997), a formação da professora-pesquisadora pode dar condições de a professora assumir a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, de reflexão e de análise, constituindo-se em um movimento contra-hegemônico, frente ao processo de desprofissionalização da professora e de instrumentalização da sua prática.

No próximo tópico, faremos a conversação entre os teóricos aqui citados e a reflexão identitária de uma professora-pesquisadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O texto escolhido para análise neste artigo é um memorial da prática docente de uma professora da Educação Básica, a referida professora é licenciada em Letras Português e atua no componente de Língua Portuguesa em turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, ou seja, experimenta e experiencia o encontro com os estudantes advindos dos anos iniciais.

A partir da sua narrativa escrita, o contato com a pesquisa dentro da sala de aula se deu logo no primeiro ano de atuação no magistério, o confronto com a realidade fez com que a professora tivesse um “choque de realidade”. Conforme caracteriza Tardif (2012), a professora iniciante é aquela que está entre 1 a 5 anos de carreira. É nesse início que as professoras têm o chamado “choque com a realidade”, descobrem aí os limites de seus saberes pedagógicos e de conhecimentos específicos.

Este processo está ligado também à socialização profissional do professor e ao que muitos autores chamaram de “choque com a realidade”, “choque de transição” ou ainda “choque cultural”, noções que remetem ao confronto inicial com a dura e complexa realidade do exercício da profissão, à desilusão e ao desencanto dos primeiros tempos de profissão e, de maneira geral, à transição da vida de estudante para a vida mais exigente de trabalho (TARDIF, 2012, p.82).

A partir desse primeiro conflito com a realidade escolar, as professoras dão início ao processo de autorreflexão acerca do seu trabalho e há a possibilidade da escolha, podem optar por trocar de profissão ou buscar uma forma de amenizar suas frustrações,



muitas vezes pela formação continuada e a pesquisa. A professora pesquisada optou pela segunda alternativa.

Em sua narrativa, a professora salienta que no início da carreira essa decisão foi difícil, pois se via muitas vezes fazendo e falando coisas que não condiziam com a sua postura, como as conversas informais com as demais professoras na sala das professoras ou no conselho de classe. Muitas profissionais utilizavam esse tempo apenas para criticar o aluno, por estar no início da carreira, a professora não se sentia confiante para expor a sua ideia e convidar a todas para pesquisar sobre o problema que as rodeava, ao contrário, muitas vezes se via falando da mesma forma que as demais, ato que tanto a incomodava. Nessa direção, Garcia (1995), aponta o quanto o tempo de formação profissional pode não ser suficiente para modificar atitudes, formas e pensamentos que constituem a prática docente. Assim, diante dos desafios recorre-se a memória imediata, reproduzindo-se modelos de uma ou outra professora que nos marcou. A formação primeira, experienciada na trajetória escolar, fica perpetuada por muito mais tempo e por isso, muitas vezes, a professora ao se deparar com a sala de aula, repete um ato vivenciado enquanto aluna.

Com a busca por novas formações, projetos em parceria com a universidade, escuta atenta aos estudantes e experiência na sala de aula, após alguns anos de prática, a professora percebeu a necessidade de pesquisar o problema que tanto lhe intrigava: a transição dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental. Uma questão silenciada em muitas escolas, inclusive no ambiente de trabalho dessa professora. Ao formular seu problema de pesquisa e buscar referencial teórico para embasamento e aprofundamento, a professora percebeu que a sua escola não era a única que passava por essa situação. Assim, o contato com a produção teórica sobre o tema explicitou que em muitas regiões do país há estudos sobre a problemática, mostrando que algo deve ser feito para mudar a realidade do aluno que chega nos anos finais do Ensino Fundamental e das professoras que são destinadas para atuarem nessa etapa de ensino.

No cotidiano escolar há muitas práticas a serem investigadas. Alves (2003), salienta que a cultura e o cotidiano são elementos que se modificam com o espaço e o tempo, as próprias pessoas são um acúmulo de ações e acontecimentos culturais cotidianos, insignificantes, mas formadores necessários. Dessa forma, como a sociedade se modifica com o tempo, o espaço escolar também é modificado com novas pesquisas



e ações investigadas, sempre buscando uma melhora na aprendizagem integral do estudante.

A professora pesquisada salienta que dentro da Educação Básica a formação continuada é pouco valorizada, muitas vezes, sendo um objeto de escolha da própria professora. Dessa forma, busca se capacitar melhor para evoluir e estar em constante aprendizagem como seu aluno. Além disso, a professora salienta que dentro do espaço escolar não há possibilidade de reflexão sobre a sua pesquisa com as demais professoras, o tempo para reuniões e formações é escasso, quase sempre para repassar normas e leis instituídas por novas políticas públicas.

Porém, como exercício diário de sua prática, a professora pesquisada retoma a importância de estar inserida em projetos de pesquisa que valorizam a relação entre o saber construído na sala de aula e o conhecimento teórico. A professora que não para de estudar, sempre procurando se capacitar mais, consegue transmitir com maior prioridade a importância dos estudos aos seus alunos, incentivando essa prática a todos.

O movimento de ação-reflexão-ação do professor, além de contribuir para que ele não caracterize o aluno sob uma forma negativa, também contribui para que o próprio mestre também se perceba como um sujeito aberto ao aprendizado, e não meramente à transmissão de conhecimentos (ESTEBAN, 2014, p. 67).

A divulgação de resultado de pesquisas dentro da escola também é uma prática fundamental, que muitas vezes não acontece, devido à forma de organização da rotina escolar. Nas considerações finais faremos uma síntese dessa análise e evidenciaremos novas propostas de estudos ainda dentro da temática professora-pesquisadora na Educação Básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após dialogarmos com autores que abordam a temática da constituição de uma professora-pesquisadora e analisarmos a narrativa de uma professora que se vê nessa situação, entendemos que a professora da Educação Básica, disposta a reflexionar a sua proposta, é uma pesquisadora da sua prática.

Com a pesquisa bibliográfica discutida nesse texto, percebemos que os saberes e as trajetórias profissionais das professoras impulsionam a dinâmica e o interesse pela



pesquisa. Dando possibilidade de se tornarem uma professora-pesquisadora da sua própria prática profissional, repensando, analisando e reinventando o seu planejamento.

No mesmo sentido, o movimento de análise autobiográfico da construção de uma professora-pesquisadora, nos mostrou que um problema, uma angústia, dentro do ambiente escolar, pode ser o ponto de referência para se instituir uma investigação. Dessa forma, o problema se torna a grande busca por novos conhecimentos, por meio de diálogos teorizados, constatações já realizadas e reflexão contínua.

O que queremos problematizar com essa escrita, é que a professora precisa divulgar o seu trabalho, mostrando o que vem construindo com seus alunos ou em seu espaço de atuação, os desafios com os quais tem se deparado e como busca enfrentá-los. Na Educação Básica, muitas são as professoras que se desafiam diariamente na busca incansável de um planejamento que atinja o seu aluno de uma maneira eficaz. A base para essa professora pesquisar o ambiente escolar deve ser propiciada pelo espaço educativo, com um tempo maior dedicado à formação conjunta e continuada dentro do seu espaço de trabalho com as demais profissionais que se empenham pela educação de qualidade.

Desprender-se do status de professora para voltar a ser estudante é um ato de coragem, que faz com que a professora desenvolva inúmeras possibilidades para a sua atuação. Propiciando um trabalho mais interativo e sempre reflexivo, o qual implica atenção aos alunos, escuta atenta e sensível, busca e diálogo com a teorização educacional para enfrentar desafios e empecilhos. É dessa maneira que a professora se torna pesquisadora.

Como uma possível complementação desse estudo, percebemos a necessidade de investigar escolas que realizam o momento de formação continuada, disponibilizando um tempo para o estudo teórico em conjunto entre as professoras, incentivando o aprofundamento de temas e desafios recorrentes no cotidiano escolar. Assim, será possível observar como se dá essa construção, quais linhas de pesquisas são estudadas, como isso afeta o trabalho da professora e como a professora divulga a sua prática entre as demais profissionais da educação. Com a divulgação de práticas formativas como essa, proporciona que outros ambientes escolares também criem a rotina de realizar um espaço/tempo para esse momento tão enriquecedor de aprendizagem na vida de uma professora.



REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a04.pdf> Acesso em: 10 ago. 2020.

BECKER, F. MARQUES, T. Ser professor é ser pesquisador. Porto Alegre, RS: Editora Mediação, 2007.

ESTEBAN, Maria Teresa. Mais uma vez e sempre: conversas com professoras. Revista Momento, v. 25, n. 1, p. 51-74, jan./jun. 2016.

GARCIA, Carlos Marcelo. A formação de professores: Centro de atenção e pedra-detoque. In: NÓVOA, António (org.). Os professores e a sua formação. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 51-76.

LAKATOS, E. MARCONI, M. Fundamentos de metodologia científica. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBANEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 5ª Ed. Goiania: MF Livros, 2008.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (coord.). Os Professores e a sua Formação. 3ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

NÓVOA, Antonio. HUBERMAN, Michael, *et al.* Vidas de professores. Tradução Maria Caseiro e Manuel Ferreira. Porto Editora, 1989.

TARDIF, M. Saberes docentes e Formação Profissional. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2012.